

Levantados dos porões. Presente tenebroso, passado obscuro e futuro incerto: após o 1º turno das eleições presidenciais de 2022 — breves notas

Paulo Alves de Lima Filho¹

181

Resumo

Neste texto procura-se abordar três temas correlatos que conformam o destino da democracia sob o processo da revolução na contrarrevolução, quais sejam, a opção antidemocrática radical da ultradireita e a necessária revolução democrática radical dos trabalhadores e a transição democrática promovida pela revolução democrática radical no sentido da transformação social. Para tal formula-se uma crítica radical da assim chamada revolução socialista e retoma-se a formulação da necessária teoria da transição comunista.

Palavras-chave: Revolução na contrarrevolução; revolução antidemocrática radical; revolução democrática radical dos trabalhadores; crítica da teoria da revolução socialista; teoria da transição comunista.

¹ Economista pela Universidade da Amizade dos Povos “Patrice Lumumba” – Moscou - Rússia, doutor em Ciência Política pela PUC-SP. Coordenador Geral do IBEC. | palf1951@gmail.com



Resumen

Este ensayo busca abordar tres temas relacionados que marcan el destino de la democracia bajo el proceso de revolución en la contrarrevolución, a saber: la opción antidemocrática radical de la ultraderecha, la necesaria revolución democrática radical de los trabajadores y la transición democrática promovida por la revolución democrática radical en el sentido de transformación social. Para ello, se formula una crítica radical a la llamada revolución socialista y se retoma la formulación de la necesaria teoría de la transición comunista.

Palabras clave: Revolución en la contrarrevolución; revolución antidemocrática radical; revolución obrera democrática radical; crítica a la teoría de la revolución socialista; teoría de la transición comunista.

Abstract

This essay seeks to address three related themes that shape the fate of democracy under the process of revolution in the counterrevolution, namely: the radical anti-democratic option of the ultra-right, the necessary radical democratic revolution of the workers, and the democratic transition promoted by the radical democratic revolution in the sense of social transformation. To this end, a radical critique of the so-called socialist revolution is formulated and the formulation of the necessary theory of the communist transition is resumed.

Keywords: Revolution in the counterrevolution; radical anti-democratic revolution; radical democratic workers' revolution; criticism of the theory of socialist revolution; communist transition theory.

Introdução

A era histórica que se abre no Brasil com a revolução na contrarrevolução (instaurada esta última, oficialmente com o golpe de 1964 e não extinta com a Constituição de 88) é a da revanche da linha dura ditatorial, derrotada com a abertura democrática, é a ascensão dos porões da ditadura, a hora dos torturadores e dos assassinos, dos abandeirados de Frota e Ustra, a sublevação da caserna contra o fantasma da decadente civilidade burguesa, a desforra da ultradireita contra a abertura democrática, é a marcha da família com deus contra o comunismo ateu, a marcha ao retorno da ditadura por dentro da ordem e contra a ordem vigente na Nova República.²

² "A questão metodológica central relativa ao golpe parlamentar em curso é derivada da particularidade desta sociedade capitalista em sua subordinação estrutural ao



A revolução na contrarrevolução é a revolução da ala ultradireitista da contrarrevolução civil-militar de 1964, radicalmente antidemocrática, uma revolução antidemocrática radical, forma histórica da nova etapa da contrarrevolução. Institui e prossegue sua tarefa de desmanche da Nova República, da Constituição e 1988, pois a destruição dessa república implica, necessariamente, a desconstitucionalização do país, a destruição da nação e um salto no vazio neocolonial.

Os homens que a promovem são todos, necessariamente, liquidadores da história pregressa da nação e de todos os elementos emancipatórios da civilização capitalista construída até aqui no país e no mundo, contra a forma histórica do capitalismo brasileiro, expansão singular do capitalismo particular às ex-colônias ibéricas.

Para bem exercerem tal proeza inaudita se exige deles a cruzeza e o sangue frio, a violência e a brutalidade, a desfaçatez dos algozes, a rudeza e o desprezo pela civilidade e os modos fraternos dos povos originários assim como dos ingênuos civis alheios à mitológica superior retidão da cultura castrense, o desrespeito às formas históricas consagradas das relações interpessoais, institucionais e sociais em geral, carregarem a suposta verdade inabalável dos ungidos pelas forças celestiais superiores e um inesgotável baú de enganos e mentiras. Eles são revolucionários, mas de uma especial revolução a exigir deles modos especiais, expressos por via do **cafajestismo delinquente**, a atuar simultaneamente contra as normas sociais e os códigos civis.

Esta revolução na contrarrevolução nos pagos ex-coloniais assume o caráter de uma regressão às trevas coloniais, de ódio à civilização aborígene, seja ela a original, indígena milenar, ou a brasileira construída nos cinco séculos e pouco de sua existência. O projeto dos porões é o da reconquista e

capital monopolista mundial. Daí podermos afirmar que a real economia política do golpe é o desmonte da nação como forma da revolução da contrarrevolução, cujo complexo socioeconômico e, conseqüentemente, político, não só não foi derrotado na transição transada à democracia dos monopólios como cresceu sob a sombra dos governos democráticos que se sucederam no poder desde 1985. " (In <https://iela.ufsc.br/noticia/o-desmonte-da-nacao-ou-revolucao-da-contrarrevolucao>, 30/03/2016)



ocupação de um território a ser subjugado e limpo dos recalcitrantes, dos adeptos da velha ordem a ser exterminada.³

A nova ordem é a dos conquistadores, a promover a anulação da velha ordem e a redescoberta e reconquista do Brasil, agora expressão da metrópole da ultradireita, da contrarrevolução trumpista, contrarrevolução mundial. A nova ordem é a ordem dos bárbaros, daqueles derrotados politicamente dentro do bloco ditatorial forjado em 1964. Trinta e quatro anos após o nascimento da Nova República que ora fenece, a ala cavernaria da caserna se viu abraçada por novas forças sociais que atravessam todas as classes, porém fundamentalmente por uma nova burguesia predadora, sedenta de poder e sangue, disposta a marchar alegre e destemida por sobre os cadáveres da velha ordem, tal como fizeram com suas vítimas sob a ditadura civil-militar, aliada, por sua vez, às novas forças burguesas mundiais a operar no mesmo sentido histórico. Vivemos a hora dos assassinos.

Saliente-se que em se tratando de processo de constituição de uma nova civilização capitalista mundial a alastrar-se, estamos diante do surgimento de um novo capitalismo mundial, em especial de um novo imperialismo radicalmente antidemocrático, dado ser a revolução mundial da ultradireita uma **revolução antidemocrática radical**. Aponta, esta, no mundo ex-colonial, para um futuro neocolonial de estatuto agravado, profundo e de amplo espectro reprodutivo, caráter de um futuro colonialista no que respeita a esse novo capitalismo em construção, ao novo imperialismo.⁴

Assim é que no mundo ex-colonial a revolução na contrarrevolução é **conservadora** de modo peculiar, pois trata-se de afirmar radicalmente os fundamentos miseráveis do capitalismo particular a essa órbita. É *uma revolução conservadora do capitalismo da miséria, aberto à predação econômica, ambiental e social da nação, muito especialmente de sua classe trabalhadora e pobres em geral, seus miseráveis*.

Ora, como enfrentar uma revolução antidemocrática radical quando toda a ordem social é estável e incivilizadamente conservadora, democraticamente conservadora? A ordem social está na **defensiva** e

³ Lima Filho, Paulo Alves. As artes do parafuso sem fim, in Campos (org.), Fabio **Introdução à formação econômica do Brasil**. Marília, Lutas Anti Capital, 2018, p. 99-107.

⁴ Sampaio Jr., Plínio de Arruda Metástase da crise e aprofundamento da reversão neocolonial, in **Crônica de uma crise anunciada**, São Paulo, SG Amarante, 2017. p.123-133.



mostra-se impotente para opor-se radicalmente à **ofensiva** da revolução contrarrevolucionária da ultradireita. A oposição radical para a superação da contrarrevolução só pode ser, nestas circunstâncias, a proposta de luta por uma **revolução democrática radical**. Há uma guerra de vida ou morte entre a velha e a nova ordem capitalista em gestação. A ofensiva democrática, então, só pode ser a de uma nova ordem democrática radical.

Mesmo a vitória bem provável do bloco da velha ordem conservadora, com Lula à frente, não será garantia de sucesso, a médio e longo prazos, contra a ofensiva dos bárbaros.⁵

A persistir como dominante a **política da união da democracia conservadora**, se verá dessangrado o patrimônio democrático das forças sociais brasileiras e, assim, concomitantemente, do próprio PT, tal como já ocorrido com o PMDB e PSDB e em processo avançado com o PDT e, anteriormente, com o PTB e o Partido Comunista e seus vários desgarramentos.

Contra a reconquista e ocupação do território nacional pela revolução da ultradireita, somente será eficaz e definitiva a transição a uma luta, uma guerra pela revolução democrática radical liderada pelas forças populares, únicas talvez nela potencialmente interessadas, dado que as burguesias desde sempre se negaram a ela. E o partido político que lideraria tal luta seria bem distinto daquele que ora congrega e anima as esperanças da maioria do proletariado e pobres em geral, o PT.

Para que isso ocorra é necessário alimentar nos trabalhadores as esperanças emancipadoras, ou seja, de transformação social para além dos apelos materiais imediatos e pouco mais além, no sentido exclusivo de melhorar socialmente a qualidade do controle do capital sobre os trabalhadores (universalização da educação pública de qualidade, do sistema de saúde popular, p.ex.) e da fé amorosa, cristã ou não.

Obrigatório será pensar a transformação social como transformação da sociedade brasileira, da vida em todas as suas dimensões, a transformação da reprodução social que viria a demolir a ordem conservadora do capitalismo da miséria, a transformação da vida pessoal, de classe e nacional unicamente possível por meio de revolução democrática radical, que abra as portas para a revolução social. Alimentar as consciências

⁵ Como, dentre outros, observam Paulo Nogueira Batista e Boaventura de Souza Santos, respectivamente na Carta Capital, "Contra o golpe do medo", 21/09/2022, 34-35 e "A nova ordem e as rochas", 27/07/2022, 45-49.



O passado assombra o presente

Entretanto, as vicissitudes históricas dos últimos dois séculos operaram o obscurecimento da questão democrática na luta operária e popular, tornando-a refém de duas matrizes teóricas que a empobreceram e ainda a empobrecem radicalmente, a liberal e a marxista-leninista.

O veio liberal aprisiona a democracia nos limites do capital e da propriedade privada, ao passo que a marxista oficialista, emanada posteriormente pela URSS de Stalin e neostalinistas, a aprisiona nos limites da sua sociedade socialista, do poder esmagador do estado e do partido regente, bloqueando a revolução social, o trânsito anticapitalista no sentido anti-capital, i.e., a transição comunista, perpetuando, assim, o capital e a sua propriedade estatal. O sentido do sequestro da questão democrática, é, pois, o da conservação do capital e sua elevação a regente indiscutível da ordem social, da negação da possibilidade e necessidade da emancipação econômica do trabalhador assalariado, o retrocesso teórico e prático aos limites da economia política e da política de negação da revolução emancipadora. Permaneceria, supostamente em pé, desse modo, teoricamente e vigente, somente a revolução democrática burguesa, radical ou conservadora, consagrada na historiografia e desapareceria a revolução democrática radical dos trabalhadores como antessala, vestíbulo, introito da revolução social que se realizaria como *revolução comunista* em suas duas fases, tal como teorizado por Marx em sua *Crítica do programa de Gotha* de 1875.

Ocorreu, entretanto, haver sido abandonada a vertente histórica materialista de Marx, tal como já ocorrera com a transição comunista, em prol da *revolução socialista*, inventada por Lassale e chancelada por Kautsky, assim universalizada em todo o movimento operário socialista e comunista e



posteriormente consagrada por Stalin e seus sucessores, hoje dominante nos meios revolucionários anticapitalistas.⁶

Antes que se inventasse a teoria lassaleana da revolução socialista, o movimento emancipador visava a elevação da consciência de classe dos trabalhadores para a conquista do poder político, condição essencial para que a classe pudesse realizar a sua emancipação econômica. Esta revolução política ocorreria como resultado da revolução democrática radical dos trabalhadores. Entretanto, o trânsito de contrabando da revolução socialista à III Internacional e a revolução proletária ocorrida na Rússia em outubro de 1917 obscureceram os processos político-econômicos vitais a ela imanentes, transformando a revolução democrática radical em revolução socialista e a transição em transição socialista, contrariamente ao que expressara Marx em sua crítica ao programa de Gotha dos socialistas alemães, da unificação de suas duas principais vertentes.

Essa conglomeração de equívocos teóricos, a caracterizar o colapso teórico vivido pelo movimento emancipador dos trabalhadores ainda não foi resolvida, o que promove impasses práticos devastadores (a bem da verdade, cumpre dizer que Lucien Sève, no quarto volume de sua quadrilogia, iniciada em 2004 e semiacabada em 2019, seu opus final, a resolve de modo extremamente satisfatório). Em primeiro lugar, a questão das equívocas revoluções socialistas e suas inevitáveis transições, de fato, ao capitalismo. Fato que motivou o surgimento e expansão de uma certa crítica democrática liberal dessas experiências históricas dentro do movimento comunista (e não só) que, por força de seus fundamentos teóricos, orientava à deposição definitiva das armas da crítica, da luta emancipatória e, conseqüentemente, à liquidação dos partidos que ainda ousavam se chamar de comunistas.

Tal o caso, para não falar de outros de menor relevância, do maior partido comunista do ocidente, o PCI (Partido Comunista Italiano), que optará por autodissolver-se em 1991 e renomear-se como PDS (Partido dos democratas de esquerda), mais o surgimento de suas frações partidárias, o PRC (Partido da Refundação Comunista) e PdCI (Partido do Comunistas Italianos). O imediato declínio e posterior desaparecimento da luta emancipatória dos trabalhadores conduzirá à demolição do bloco democrático italiano forjado após a II Guerra e ao conseqüente avanço das

⁶ Sua crítica radical se encontra em Sève, Lucien. **Penser avec Marx aujourd'hui**. Tome IV. Le communisme?, Paris, La dispute, 2019, p.300; 309; 312.



forças antidemocráticas, até a vitória, dias atrás (25/09), de Giorgia Meloni, líder de um partido neofascista (Fratelli d'Italia). Pela primeira vez, desde o pós-guerra, o fascismo voltava ao poder.

Em todos os países onde se opera a desfibrilação emancipacionista da luta democrática dos trabalhadores, gesta-se um bloqueio à emancipação destes, observa-se intensa degradação democrática e ascensão das forças antidemocráticas da ultradireita, pró-fascistas ou explicitamente fascistas. Passo a passo rumo ao centro, a velha esquerda emancipacionista, socialista, comunista ou pequeno burguesa, vai abrindo caminho à ascensão fascista.

O Brasil segue o mesmo roteiro. De concessão em concessão às necessidades burguesas, às necessidades estratégicas do capital e suas burguesias, opera-se mundialmente a transição ao novo imperialismo, ao capitalismo fascista que se organiza politicamente a nível mundial para além das relações exclusivamente econômicas.

No Brasil, sob o empuxe da revolução na contrarrevolução promovida pela ultradireita, a simples tentativa de manutenção da ordem conservadora do capitalismo da miséria não só é impotente para barrar o avanço dos bárbaros, como conduzirá inevitavelmente à destruição dessa ordem até a sua falência final. Ordem já bastante estraçalhada, já em grande medida suspensa no STF, quando as demais instituições se encontram mais ou menos colonizadas pelos revolucionários da ultradireita e seus aderentes oportunistas. A negação do movimento de emancipação dos trabalhadores, das maiorias pobres e miseráveis é a afirmação incontestável da emancipação do capital. O capital emancipado, como sabemos, por sua vez, rapidamente marcha à recriação da escravidão aberta desses contingentes de classe e da própria sociedade, eleva-se ao controle pleno da reprodução social.⁷

Entretanto, o trânsito teórico que vai da negação da marcha da ultradireita para o salto à exigência imediata da luta pela revolução socialista, como ocorre nas atuais vertentes revolucionárias da esquerda marxista, ao pretender ser resposta à ofensiva da revolução antidemocrática radical da ultradireita, **abole**, de fato, o caminho real, o trânsito da luta através da revolução democrática radical dos trabalhadores, única capaz de propor e realizar a emancipação destes. Ora, a abolição da única forma de realização

⁷ Note-se a já realizada escravização espiritual das massas neopentecostais e sua enorme dimensão política. Aliás, o recrudescimento dos movimentos identitários, em grande medida são obra da própria política imperialista.



da emancipação dessas maiorias opera, de fato, o *bloqueio* desta. O que se deseja ser a radicalidade necessária do processo, de fato torna-se a *destruição dessa radicalidade*.

Eis, então, haveremos chegado ao nó górdio da incrível complexidade de nosso impasse transformador e à sua solução, quando os processos comandados pelas mais democráticas das forças democráticas, quais sejam, a *esquerda da ordem* (para todos os efeitos chamemos assim o PT e assemelhados) que no seu afã de *salvar* a ordem conclama e *opera a unidade da ordem pela democracia* (conservadora) e a *esquerda contra a ordem* (chamemos assim as seitas comunistas, socialistas e anarquistas contra a ordem) ao quererem *superar* a ordem capitalista miserável, conservadora, operam ambos, concomitantes e solidários, o bloqueio à emancipação dessas maiorias.

A primeira, negadora teórica da necessidade da transformação social e, portanto, da emancipação da classe proletária, não concebe outro meio de barrar a ultradireita senão postulando o cerco ao seu avanço por via da máxima ampliação das forças eleitorais coligadas, em *movimento de conservação, restabelecimento e melhoria incremental da ordem capitalista*. A outra, adepta da transformação social, quer a liquidação dos fundamentos históricos da existência da ultradireita e da ordem capitalista conservadora, não vê outro caminho para isso senão a *revolução socialista*, embora não tenha clareza de como se chega a ela nem se ela, de fato, eliminará os fundamentos da ordem, dado a *regressividade universal* desta primeira fase da *experiência socialista mundial*. Ao não enfrentar decididamente a ordem, passa a ser ela, *também, caudatária da conservação da ordem*.

Em ambas inexistente a concepção da inescapável necessidade da transformação da massa proletária pobre e miserável em classe e da emancipação desta como fundamento da possibilidade histórica de superação da ordem capitalista, seja a *miserável* particular aos países ex-coloniais ou a sua *genérica expressão mundial rica* da ordem do capital. Ambas não concebem a emancipação da classe como necessidade vital para a negação do capitalismo e do capital, como **único meio de transitar ao comunismo**. E a única via de alcance da transição comunista é a revolução democrática radical dos trabalhadores, antessala desse processo, sem o qual não se salta do cerco da ultradireita e da ordem capitalista miserabilizante da massa proletária e da nação à negação dessa ordem. Não se chega à revolução social e à transição comunista a não ser através da revolução democrática radical dos trabalhadores. Sob o império de sua ausência



chega-se à fantástica devastação social operada pela regressão neocolonial, tal como aquela observada no Chile, aos atuais impasses dramáticos do movimento social emancipatório.

A teoria da revolução socialista

Por sua vez, a teoria da revolução socialista, ao negar a posição de Marx (em sua Crítica ao programa de Gotha) ignora a imanente vitalidade dinâmica da transição comunista, forma do movimento da classe trabalhadora emancipada, expressão da democracia em pé constituindo-se em agente fundamental da transformação social. Advoga uma transição socialista sob comando do estado e do(s) partido(s) revolucionário(s) da ordem, impotentes para transitar contra o capital, embora assumindo formas anticapitalistas.

Não há transição comunista sem centralidade do movimento emancipador da classe trabalhadora, agente vital desse processo, sem a constituição da classe operária e trabalhadora em classe hegemônica e dirigente. A emancipação da classe, por sua vez, expressa a marcha da revolução democrática radical sob a hegemonia da classe operária e trabalhadora em geral que, ao postular a realização de sua emancipação econômica, se propõe negar o controle social do capital e das classes que o encarnam. Sem esse processo não há transição possível ao comunismo.

Quando Lenin advogou o capitalismo de estado como via para a transição comunista⁸ na ordem social russa revolucionária, *não se tratava de posição tática, mas de estratégia*, meio de preservar a classe trabalhadora, de forjar a sua expansão e a possibilidade de sua emancipação, de fortalecer-la tanto contra o estado como contra os desmandos partidários, de capacita-la para tomar os destinos da sociedade em suas mãos, pois capaz de pensar e agir com sua própria cabeça. Postulava Lenin ser esse um capitalismo de estado particular, pois manteria o rumo anticapitalista através da socialização estatal do capital dos setores essenciais, enquanto se forjasse a emancipação dos trabalhadores como meio de avançar e superar o capital. A nova ordem manteria o capital controlado contra si mesmo, sob o comando da revolução democrática radical, na qual a classe trabalhadora se capacitaria para o

⁸ Intervenção de Lenin no IV Congresso da Internacional Comunista, em novembro de 1922. In Uliánov, Vladimir Ilítch Lenine e III Internacional, Editorial Estampa, Lisboa, 1974 p. 155-156.



exercício crescente do poder, retirando-o do domínio exclusivo do estado e do(s) partido(s). Desse modo, a estratégia anticapitalista transitaria naturalmente a ser anti-capital.

A postulação de Lenin é reveladora de que na revolução russa, assim como em todas as demais revoluções proletárias e populares do campo dos capitalismos derivados das revoluções burguesas conservadoras dos séculos XX e XXI, a revolução democrática radical dos trabalhadores abre-se à revolução social sob o império do baixo desenvolvimento das forças produtivas e insuficiente esclarecimento e organização dos trabalhadores, a exigir, portanto, imenso esforço de capacitação da massa trabalhadora para sua transformação revolucionária em classe dominante e regente da transformação social. Tarefa prioritária e imprescindível, única capaz de manter viva a revolução social.

O segredo da transição comunista

Em todas as sociedades capitalistas derivadas de revoluções burguesas conservadoras, seja na órbita ex-colonial (ibérica ou não) seja na Europa, a revolução democrática radical dos trabalhadores, ao abrir-se para a transição anticapitalista exige percorrer um processo com três fases, três momentos obrigatórios, uma **tripla transição** a transcorrer simultânea e solidariamente: uma transição propriamente burguesa em dois momentos, um deles no qual a classe trabalhadora conquista a sua maioria emancipada nos campos ideológico, organizacional e político e passa a enfrentar o imperialismo, e outro, propriamente anti-capital, ao postular sua emancipação econômica, a substituição das velhas classes dominantes, deslocando e substituindo o estado, ou seja, liquidando-o. A primeira fase da transição, entretanto, como ocorre nas cidadelas dos capitalismos subordinados ao imperialismo, das burguesias subalternas dos capitalismos da miséria, neocoloniais, expressa um *anticapitalismo nacional*, digamos. Alcançar sua plenitude de classe é um particular libelo do anticapitalismo nacional. A segunda fase da transição ocorre ao afirmar-se como classe plenamente emancipada e então ousar transitar à sua emancipação econômica, enfrentando a ordem mundial do capital, o imperialismo, em pé de guerra contra a sua inevitável luta pela emancipação nacional e de classe,



o que conforma uma outra *transição anticapitalista de caráter universal*.⁹ E à medida que ambas estas etapas da transição ocorrem, tão mais avança o caráter social da produção, ocorrerá a *terceira fase da transição, propriamente anti-capital*, dar-se-á início propriamente à transição comunista.

Mal informadas teoricamente, as revoluções socialistas de matriz neostalinistas, herdeiras do útero socialista alemão, sequer suspeitam dessa complexidade, mal conseguem realizar a primeira e obrigatoriamente são incapazes de realizar as duas outras transições. Nem emancipam a classe trabalhadora e, assim, não expressam a multiplicação das liberdades, nem podem transitar contra o capital, ou seja, não expressam a transição comunista. Sejamos sinceros, não são revoluções comunistas e não realizam a transição comunista, não transformam a classe trabalhadora em classe dirigente, a qual não se apropria diretamente dos meios de produção e não promovem a liquidação do estado e muito menos avançam contra o capital, substituindo a mercadoria por uma produção social expansiva. São revoluções conservadoras do capital, sob controle do estado e do partido comunista regente do estado, forma defendida pelo despotismo político, cultural e legal. Todas inevitável e inexoravelmente transitam ao capitalismo. O que algumas delas conseguem – e a URSS atesta esse caráter – é garantir a plena soberania da nação e a retirada da classe trabalhadora da pobreza e miséria, alfabetizando-a e garantindo a expansão do complexo educacional e científico-tecnológico, garantindo-lhe padrões minimamente civilizados de existência. A soberania econômica e política da nação será, por sua vez, garantida pelo desenvolvimento de um poderoso complexo industrial-militar escorado pelo complexo científico-tecnológico.

⁹ Esse é o sentido da observação de Engels, em carta a Weidemeyer, em 1853, referindo-se ao caráter das revoluções prematuras: "Num país tão atrasado como a Alemanha, no qual existe um partido avançado e que é arrastado para uma revolução avançada junto com um país tão avançado como a França, no primeiro conflito sério, assim que um perigo real ameaçar, será a vez de esse partido avançado agir, e isso seria, de qualquer modo, prematuro. No entanto, tudo isso não é importante, e o melhor que se pode fazer é preparar com antecedência em nossa literatura partidária uma justificativa histórica para o nosso partido, caso isso realmente aconteça. No entanto, nosso desempenho no palco histórico em geral agora será muito mais impressionante do que da última vez." p. 490-491; P.S. Marx and Engels, t.28, 2ª edição russa, Moscou, 1965, carta 42 ENGELS - WEIDEMEYER, 12 DE abril de 1853, Manchester, 12 de abril de 1853 485- 493.



A ascensão do novo capital e suas consequências

Os tempos atuais são de expansão do cerco dos bárbaros à democracia burguesa, seja em sua cidadela central, os EUA, seja em toda a órbita ex-colonial em trânsito neocolonial expandido, devido ao surgimento do **novo capital** produtivo-financeirizado de base microeletrônica, que promove uma revolução tecnológica e sucessiva evolução tecnológica no processo de produção, a exigir a recolonização do mundo, a destruição da civilização capitalista tal qual ela deu-se antes de seu nascimento e expansão e, assim, à destruição da humanidade.¹⁰ Pela primeira vez na história do capitalismo, surgirão novas forças produtivas incapazes de desenvolver-se plenamente sob o comando do capital. Abre-se, assim, uma era de crise estrutural do capital.

Nasce, também, uma era de inevitável expansão do cafajestismo delinquente, das forças da ultradireita predestinadas a cumprir o papel de funcionários desse novo capital, algozes da velha ordem social, de elevação do limbo social desses novos personagens da destruição, dos novos bárbaros. Não há como enfrentar e derrotar a revolução antidemocrática radical da ultradireita a não ser com a luta pela revolução democrática radical do povo trabalhador e população esclarecidos. Essa revolução instala a chegada da humanidade ao vestíbulo da revolução social. O capital, em sua evolução, cria uma situação histórica preche de possibilidades de sua própria superação.

Outubro de 2022

¹⁰ BACCHI, Sergio. **La crisis final del capitalismo**. El hombre y la máquina. Santiago-Chile, Ernesto Carmona editor, 2008.; LIMA FILHO, Paulo Alves A emergência do novo capital in Ladislau Dowbor, Octavio Ianni e Paulo Edgar de Almeida Resende Desafios da globalização, Petrópolis-RJ, Vozes, 1997, p. 237-255.

